

## QUESTÕES SOBRE UMA LEITURA PÓS-HUMANISTA DE “SEMIOLOGIA DA LÍNGUA”<sup>1</sup>

## ISSUES FROM A POST-HUMANIST READING OF “THE SEMIOLOGY OF LANGUAGE”

Renata Trindade Severo<sup>2</sup>

Instituto Federal do Rio Grande do Sul, IFRS, RS, Brasil

Nathália Müller Camozzato

Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, SC, Brasil

*Resumo:* Desde sua publicação em 1969, “Semiologia da língua” tem sido objeto de variadas análises devido ao seu potencial de revolucionar os estudos do sentido. Analisaremos aqui uma leitura desse artigo de Émile Benveniste, operada pela socióloga Vicki Kirby, a fim de evidenciar os conceitos de signo e sistema de significação que estão em jogo tanto na perspectiva pós-humanista de Kirby quanto na perspectiva linguística que privilegia o sentido de Benveniste. Após explorar alguns pontos de divergência com a autora, propomos, ao final do texto, a inserção de um conceito estranho à semiologia benvenistiana como exercício de autorreflexão teórica.

*Palavras-chave:* Benveniste; Novos Materialismos; Feminismos; Signo; Sistemas de significação.

*Abstract:* Since it was published, in 1969, “The semiology of language” has been made the object of different analyses due to its potential to revolutionize the studies of meaning. The current paper analyzes Vicki Kirby’s reading of Émile Benveniste’s article in order to highlight the concepts of sign and semiotic systems at play in Kirby’s post-humanist perspective as well as in Benveniste’s linguistics perspective, which privileges meaning. After exploring a few points of disagreement from Kirby’s point of view, at the end of this paper, the insertion of a foreign concept into Benveniste’s semiology is proposed as a theoretical self-reflection exercise.

*Key-words:* Benveniste; New materialisms; Feminisms; Sign; Semiotic systems.

---

<sup>1</sup>As autoras agradecem ao prof. Dr. Atilio Butturi Jr. pela sugestão do tema deste artigo.

<sup>2</sup>Professora em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina (PPG em Linguística - UFSC) com fomento do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Processo nº 23368.002516/2019-43.

---

## Introdução

O pensamento de Émile Benveniste nunca esteve confinado aos limites da linguística. Nos textos que compõem os dois volumes dos Problemas de Linguística Geral (PLG), testemunham essa abertura debates com filósofos, artigos que dialogam com áreas tão dissemelhantes como a Biologia – “Comunicação animal e linguagem humana”, de 1952, publicado no Problemas de Linguística Geral I (2005) – e a Psicanálise – “Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana”, de 1956, também publicado no Problemas de Linguística Geral I (2005) – e publicações em periódicos de áreas como a Psicologia, a Filosofia e a Sociologia, para citar apenas alguns exemplos. Se, por um lado, Benveniste não se ocupa apenas de questões que pertencem a um âmbito estritamente linguístico, por outro lado, pesquisadores das ciências vizinhas também dialogaram com o pensamento benvenistiano. Exemplo famoso de apreço ao pensamento do linguista sírio é a famosa afirmação de Roland Barthes, segundo a qual, apesar de ler outros linguistas, ele gostaria mesmo de Benveniste.

O diálogo pode se dar nessas duas direções, alternadamente: assim como as ideias de Benveniste têm comparecido em trabalhos de pesquisadores e pesquisadoras de diversas áreas, esses trabalhos, por sua vez, têm repercutido no caminho de volta, ou seja, essas reelaborações têm retornado ao campo da teoria da linguagem derivada do pensamento benvenistiano nos trabalhos de pesquisadores contemporâneos. Ao abordar a recepção do trabalho de Benveniste no Brasil, o linguista Valdir Flores (2017b) aponta a forte influência do trabalho de dois filósofos, o francês Dany-Robert Dufour (2010) e o italiano Giorgio Agamben (2012), que, ao recorrerem a Benveniste em suas reflexões, acabaram por reavivar o interesse pela obra do linguista sírio no quadro atual da linguística brasileira<sup>3</sup>.

Neste artigo, abordaremos um trabalho mais recente, em que o recurso ao pensamento benvenistiano tem o potencial de fomentar uma discussão sobre as relações entre os sistemas de significação que não são língua no âmbito de um debate acerca da persistência de binarismos da ordem “natureza x cultura”, “essência x materialidade”, “masculino x feminino”, “essencialismo x anti-essencialismo”, nem mesmo em escopos teóricos que propõem leituras mais sofisticadas de tais fenômenos, notadamente em

---

<sup>3</sup>Por questão de espaço e de foco, não abordaremos aqui como esses filósofos articulam o pensamento benvenistiano às suas pesquisas e a extensão de sua influência nos trabalhos recentes da linguística no Brasil, tal estudo, no entanto, pode ser encontrado em Flores (2017b).

determinados estudos derridianos e em certos estudos feministas. Trata-se do artigo “*Telling flesh – the body as the scene of writing*”, publicado pela socióloga australiana Vicki Kirby (2018), em que a autora, a partir de uma leitura de “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), questiona, dentre outros pontos, a afirmação benvenistiana de que não há signos trans-sistemáticos.

Certamente, o que se dá nesses encontros – neste caso, da sociologia de aspiração pós-humanista e feminista de Vicki Kirby com a linguística baseada no pensamento de Émile Benveniste – tende mais à formação de opacidades e descontinuidades do que de transparências e contiguidades entre dois campos teóricos. Isso, por sua vez, produz afetações que incidem reciprocamente em ambos os arcabouços conceituais. O diálogo que Kirby (2018) estabelece com Benveniste, concernente às relações entre materialidade e língua(gem), exemplifica posições inversamente proporcionais: Kirby (2018) parte de um olhar atento à materialidade dos corpos e suas relações orgânicas com a representação para, depois, perfazer uma teoria do signo, propondo o conceito de holograma; já a teoria benvenistiana faz o caminho inverso, visto que é a partir do signo e de sua sistematicidade que chega a diferentes materialidades ou a diferentes sistemas de significação.

Nosso objetivo é aceitar o desafio que se propõe quando a socióloga australiana recorre ao pensamento benvenistiano, tal como está formulado em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), e coloca em relação duas maneiras quase antitéticas de ver o signo e os sistemas de significação. Especificamente, visamos a: a) produzir uma análise crítica da leitura do texto benvenistiano feita pela autora, sem deixar de considerar o quadro teórico em que a socióloga se move e suas implicâncias – que será abordado na seção um –, de forma a contrastar os arcabouços mobilizados por Kirby e por Benveniste e, assim, ressaltar nuances dos dois pensamentos; e b) a partir dos resultados dessa análise crítica, propor um exercício de pensar que provoque um abalo da semiologia tal como vem sendo pensada a partir do artigo de Benveniste a fim de fazê-la se reorganizar e pensar.

Com esses objetivos no horizonte, na primeira seção, apresentaremos o pós-humanismo, corrente de pensamento a que se vincula Kirby, além de um panorama sobre seu trabalho. Consideramos importante essa breve imersão no tema, ainda que destoe da linha argumentativa proposta, para trazer às leitoras de Benveniste o contexto do pensamento de onde parte a autora. A seguir, na segunda seção, traremos um pequeno resumo do artigo analisado, com ênfase nos momentos em que a autora recorre ao pensamento

benvenistiano, sem nos determos em aspectos que, embora importantes para o artigo da autora, pouco ou nada interferem em nossa análise. Na terceira seção, apresentaremos a análise crítica em relação à leitura de Benveniste proposta pela socióloga. A partir daí, procuraremos desenvolver uma reflexão sobre os questionamentos que emergem. Nas considerações finais, traremos uma proposta de reflexão com vistas menos a uma construção definitiva do que a certo experimentalismo teórico que, modelado sobre um “e se?”, busca confundir as respostas já encontradas para que novas perguntas se configurem a fim de manter viva aquela chama de Émile Benveniste que se vê brilhar quando em seus artigos mais revolucionários lemos algo como “amplas perspectivas se abrem” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 90) – frase que evoca um senso de aventura intelectual que desejamos revisitar.

### **Primeira seção – Repensando os contornos do humano, da linguagem e das materialidades: o pós-humanismo**

Nesta seção, tecemos uma breve descrição de alguns conceitos do pós-humanismo, especificando o solo discursivo em que tais conceitos são praticados, entendendo que é pertinente situar quais operações são efetuadas pelo pós-humanismo e pelos novos materialismos de forma a inscrevê-las no debate sobre signos trans-sistemáticos, feito a seguir.

Em um artigo esquemático, Francesca Ferrando (2019, p.959) qualifica “Pós-humano” como um termo guarda-chuva a englobar diferentes movimentos teóricos, tais como aquilo que a autora chama de “pós-humanismo filosófico, cultural e crítico”; transumanismo; “novos materialismos” feministas e um panorama heterogêneo de anti-humanismo; meta-humanismo; e pós-humanismo. Tal sorte de vértices açambarcadas pelo termo pós-humano, para Ferrando (2019), pode gerar confusões metodológicas, dado que as abordagens incidem sobre diferentes enquadramentos, mas compartilham a “urgência da redefinição integral da noção de humano, seguindo a onto-epistemologia, bem como os desenvolvimentos científicos e biotecnológicos dos séculos XX e XXI” (FERRANDO, 2019, p. 959).

Ademais, Ferrando (2019) identifica dois eixos que, a despeito de questionarem a estabilidade dos contornos do humano, apontam para direções distintas e seriam costumeiramente confundidos nas interpretações dos conceitos pós-humanistas. Trata-se do pós-humanismo em sua crítica pós-antropocêntrica e pós-dualista e do transumanismo. O primeiro seria

para a autora mais abrangente em sua ressignificação radical da noção de humano, e o segundo seria caracterizado por um tecnorreduccionismo (FERRANDO, 2019, p. 962), dado seu exclusivo enquadramento nas possibilidades evolutivas biotecnológicas, tendo no melhoramento humano um conceito e um programa-chaves.

Uma noção importante ao pós-humanismo é o antropoceno como tempo geológico, o que marca o impacto destrutivo das atividades humanas em nível planetário e solicita novos pressupostos políticos e éticos. Salienta-se, nesse sentido, o humano como o topo de uma escala hierárquica que tem em sua base os menos que humanos – ou seja, pessoas genericadas, racializadas e excluídas do estatuto da humanidade – e os não-humanos – as outras formas de vida com quais partilhamos este planeta –, o que é calcado em um suposto excepcionalismo. “Humano” aqui não é assinalado como espécie, mas como sujeito do antropocentrismo resultante da constituição histórica e ocidental do humanismo. A pedra de toque é a superação de antíteses ou falsos binarismos ontológicos como os correlatos “corpo x mente”, “natureza x cultura”, “objeto x sujeito”, o que solicita modos pós-dualistas e pós-hierárquicos de reflexão.

Os chamados novos materialismos emergem no bojo dos estudos feministas reinscrevendo a materialidade e a corporeidade (humanas ou não) nos debates como uma resposta ao excesso de representacionismos e aos construtivismos radicais que tomavam qualquer retorno à materialidade como “essencialistas” (FERRANDO, 2019). Duas considerações: a primeira é que, a despeito do termo “materialista”, o trajeto de pensamento seguido pelos novos materialismos perfaz uma linha entre Espinosa e Deleuze, atravessados pelos estudos de gênero, e não entre Hegel e Marx – dos feminismos radicais, socialistas e marxistas norte-americanos. O que temos é um distanciamento da economia política assentada na agência humana sobre a materialidade e um pensamento da interdependência ética entre o humano e o mundo material. A segunda consideração é que os novos materialismos não configuram um rompimento dos estudos feministas pós-humanos com outros estudos “pós”, como, por exemplo, o pós-modernismo e o pós-estruturalismo, uma vez que os conceitos de autoria de Michel Foucault, Judith Butler, Giles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Derrida seguem ressoando nesses estudos, que, por sua vez, oferecem uma atenção à materialidade não como passiva, inerte, estável e objeto da cultura ou do discurso, mas como agentiva, performativa e instável.

A primeira publicação do texto de “*Telling Flesh the body as the scene*”

*of writing*”, feita originalmente em 1992, como parte da tese de doutorado de Vicki Kirby<sup>4</sup>, é um dos marcos dos novos materialismos nos estudos feministas. Como veremos na terceira seção, os procedimentos adotados pelo texto colocam em xeque as polarizações ontológicas entre representações e corporeidades, masculino e feminino como binários de uma dicotomia entre essência e substância. É importante resgatar aqui que, na republicação do texto como artigo, Kirby menciona Karen Barad como uma das referências teóricas que pautaram sua reescrita. Dada a relevância para este artigo, gostaríamos de introduzir brevemente os conceitos trabalhados por Barad.

A partir de uma concepção filosófica de que não há, de um lado, representações e, de outro, entidades ontologicamente separadas à espera de materialização, Barad ([2003] 2017), pensa o devir do mundo (não é demais lembrar que humano e não-humano) como um emaranhado (*entanglement*) material-discursivo<sup>5</sup>, sem que haja exterioridade entre um e outro. Diz: “Nem as práticas discursivas nem os fenômenos materiais são ontológica ou epistemologicamente prévios. Nenhum pode ser explicado nos termos do outro. Nenhum tem status privilegiado para delimitar o outro” (BARAD, [2003] 2017, p. 26). Essa base material-discursiva é o que permite à física e filósofa feminista praticar o conceito de agência não como um atributo da intencionalidade humana, mas como um contínuo refigurar do mundo em seu devir e diferenciação e o conceito de “intra-ação”, esse último, entendido como a inseparabilidade constitutiva das práticas discursivas corporificadas e de fenômenos materiais específicos.

Os conceitos formulados por Barad também estão confrontando os postulados assumidos por certos feminismos ultraconstrucionistas e certas teorias do discurso que, sobretudo após uma leitura tendenciosa de Judith Butler, assumem metodologicamente um protagonismo da linguagem e da cultura no processo de materialização dos corpos. Quando, nesses estudos, se torna difícil tratar da materialidade corpórea sem que recaia a pecha do essencialismo, Barad questiona como a cultura pode produzir algo (a natureza, a materialidade) do qual é ontologicamente diferente e a partir de que mecanismo tal produção se dá. Explicamos: se linguagem (língua, discurso) está em outra ontologia e não emaranhada com a matéria, como

---

<sup>4</sup>A tese foi publicada em 1997 sob o título *Telling Flesh - The Substance of the Corporeal*.

<sup>5</sup>Nesse mesmo artigo, Barad faz uma crítica a uma concepção representacionista da língua, tomada como o relata entre palavras e coisas, e de uma noção de discursividade entendida como anterior e incidente na matéria, por sua vez, passiva. Para tanto, formula uma noção não antropomórfica de “práticas discursivas” como configurações materiais específicas pelas quais determinações locais de fronteiras, propriedades e significados são diferencialmente operadas.

é possível que a linguagem produza corpos? No caso da dermatografia, fenômeno que Kirby descreve, como a linguagem produz efeitos na pele?

Para finalizar esta seção, demarcamos que, enquanto em outros campos teóricos os chamados estudos pós-humanos, em suas diferentes vertentes, têm proliferado desde há pelo menos três décadas, sua vinculação aos estudos da linguagem é relativamente recente e se dá sobretudo no campo da Linguística Aplicada (PENNYCOOK, 2018; BUZATTO, 2019<sup>6</sup>). Não se trata aqui de especular causas para essa aproximação tardia, mas, de perceber que, de fato, há muitas zonas de fricção por serem elaboradas nessa aproximação, visto que determinadas concepções de língua e de linguagem, tomadas como índices de racionalidade, são, segundo o pós-humanismo (BARAD, [2003] 2017; BENNETT, 2010; PENNYCOOK, 2018), determinantes naquilo que conta como a especificidade do humano em sua relação assimétrica e exploratória tanto com o “menos que humano” quanto com o “não-humano”.

Nesse sentido, como têm sido praticados na linguística, os estudos pós-humanos oferecem a possibilidade de contaminação das chamadas concepções antropocêntricas de língua com materialidades excessivas demais para o sujeito cartesiano. Em *Posthumanist Applied Linguistics*, Pennycook (2018) investiga o pós-humanismo e a linguística de forma a questionar os limites entre dentro e fora, entre exterior e interior da língua. O linguista também confronta o que chama de “mito linguístico da história humana” (PENNYCOOK, 2018, p. 88), isto é, a narrativa supostamente universal da passagem teleológica das línguas orais para as línguas escritas. Pennycook propõe, então, noções de língua que considerem de maneira ética os agenciamentos (*assemblages*) em que a língua se acopla e a maneira como tais agenciamentos arremontam elementos humanos e não-humanos.

## Segunda seção – “*Telling flesh – the body as the scene of writing*”<sup>7</sup>

---

<sup>6</sup>Salientamos, no Brasil, a publicação, em 2019, de uma edição do periódico “Trabalhos em Linguística Aplicada” organizado por Marcelo E. K. Buzato, com publicações de Inês Signorini, Atílio Butturi Júnior e Nara Hiroko Takaki, entre outras.

<sup>7</sup>Há aqui um jogo com a palavra “telling” que se perde na tradução para o português: “*telling flesh*” pode ser traduzido como “dizendo à carne” ou “carne que diz”, dentre outras possibilidades que esse verbo polissêmico encerra. Outra perda diz respeito à palavra “*writing*”, que pode referir-se a “escrita” ou ao termo derridiano “escritura”. Assim, optamos por manter o título em sua língua original. Uma das traduções possíveis para ele seria: “Dizendo à carne que diz: o corpo como cena da escrit(ur)a”.

No início do artigo em análise, a socióloga australiana Vicki Kirby (2018) lança a pergunta: “a mesma plasticidade transformativa que identifica a cultura poderia ser igualmente atribuída à natureza?” (KIRBY, 2018, p. 64, tradução nossa). Para responder a tal questionamento, a autora explora um capítulo, no mínimo, curioso da história da saúde mental: na Paris de 1870, no Salpêtrière Hospital, o médico Jean-Martin Charcot examina pacientes diagnosticados com histeria. As cenas observadas dizem respeito aos estudos de Charcot sobre um intrigante sintoma associado à histeria, o dermatografismo, a capacidade autográfica da pele, uma sintomatologia que, além de ser espetacularizada na mistura de clínica e teatro de curiosidade que envolveu o fenômeno da histeria, também acabava por borrar as fronteiras de sujeito e objeto, médico/psiquiatra – paciente/histérica. Trata-se de um sintoma-performance encorajado pelo médico francês: após hipnotizar a paciente, o médico escreve sobre a pele de um de seus braços com um instrumento de borracha ao mesmo tempo em que instrui que, em tal dia e horário, após dormir, o paciente sangue pelas linhas desenhadas: “No momento indicado pelo médico, o paciente obedece. Os caracteres aparecem em brilhante relevo sobre sua pele e gotículas de sangue emergem em vários pontos. As palavras persistem por mais de três meses” (DIDI-HUBERMAN, 1984, apud KIRBY, 2018, p. 65, tradução nossa).

A partir do conceito derridiano<sup>8</sup> de “escritura”, Kirby examina o fenômeno do dermatografismo em termos de dentro e fora, natureza e cultura. A autora percebe o corpo como “instável – uma cena inconstante de inscrição que tanto escreve quanto é escrita” (2018, p. 69, tradução nossa); para ela, o dermatografismo revelaria o “de fora” tornando-se um “de dentro” e desafiaria a separação binária entre natureza e cultura ao expor “o

---

<sup>8</sup>Estamos cientes das tensões – e mesmo polêmicas – envolvendo o diálogo nada fácil entre o pensamento de Benveniste no âmbito das ciências da linguagem e a perspectiva de escritura derridiana – como pode ser visto em Derrida (2017 [1967]) e no artigo *Le supplément de copule. La philosophie devant la linguistique* (DERRIDA, 1971). Optamos, neste artigo, por trabalharmos nessa mesma tensão: entre o arcabouço derridiano utilizado por Kirby em seu texto neomaterialista e o impacto que uma leitura mais aprofundada dos signos trans-sistemáticos teria nas considerações da autora.

<sup>9</sup>Em diversas passagens do texto, Kirby assinala a possibilidade de reinvestir potência nos conceitos derridianos de escritura e arquescritura naquilo que apontam para o corporal como uma tessitura sensível, resgatando-os de um confinamento nos estudos literários. Kirby trabalha particularmente com a seguinte asserção de Derrida: “os processos mais elementares [...] de uma célula viva são também uma ‘escritura’ cujo ‘sistema’ de envoltimentos nunca é fechado” (DERRIDA, 1967, apud KIRBY, 2018, p. 69, tradução nossa) (Do original: “*the most elementary processes [...] within the living cell are also a ‘writing’ and one whose ‘system’ of involvements is never closed*”).

corpo *como* seu próprio contexto histórico e cultural” (KIRBY, 2018, p. 70, grifo da autora, tradução nossa), ou seja, o gesto de Kirby é de demonstrar uma desestabilização da oposicionalidade dos termos binários herdados de uma tradição cartesiana; no caso, como a materialidade não é um fora da representação e como a “representação se materializa/importa”<sup>10</sup> (KIRBY, 2018, p. 70, tradução nossa) nos corpos.

Caracterizando o dermografismo como um fenômeno que abarca os sentidos visual, auditivo e tátil, Kirby sonda as delimitações do que chama de “signo perceptivo”: para a autora, a “integridade” do signo estaria delimitada pelo universo sensorial mobilizado, se determinado signo mobiliza mais de um sentido sensorial<sup>11</sup>, isso significaria uma quebra dessa integridade. Ao mesmo tempo em que afirma que o fenômeno observado combina os três universos sensoriais, a autora retém certa separação denunciada pela expressão “estranho a ele”, que delimita cada “modo ou signo perceptivo” a um sentido – visual, auditivo ou tátil.

É interessante retomar aqui que uma das prioridades da agenda pós-humanista é a suspensão e a desestabilização de fronteiras, o que reverbera em reflexões não dualistas e não hierárquicas. Nesse sentido, a perspectiva praticada, por exemplo, por Karen Barad ([2003] 2017) aponta as fronteiras – inclusive aquelas que contornam o que é o humano – como em constante devir, o que quer dizer móveis e mutuamente constitutivas em processos intra-ativos e material-discursivos. Apontamos isso para compreendermos como, nesse arcabouço teórico interessado no “devir do mundo” (“*world’s worlding*”, expressão compartilhada por Barad e Kirby), as supostas fronteiras entre diferentes dimensões sensoriais são abaladas. Os sentidos (sensoriais), os corpos, as representações, as materialidades, as linguagens se constituem reciprocamente e os limites que separam uns dos outros são estabelecidos localmente e de maneira contingente.

A fim de ilustrar a complexidade do fenômeno do dermografismo, um novo exemplo é apresentado. Trata-se da história da percussionista escocesa Evelyn Glennie, uma musicista surda desde a adolescência que, no entanto, relata uma relação, inclusive de afinção com os sons, mantida com seu corpo – mandíbula, face, pés – a ponto de a autora afirmar que “todo o

---

<sup>10</sup>“representation matters” (KIRBY, 2018, p.70). Traduzimos de maneira a indicar a polissemia do termo “matters”, tão importante para as reflexões de Vicki Kirby, Karen Barad e Judith Butler.

<sup>11</sup>Empregamos essa estranha expressão, “sentido sensorial”, não como termo, mas para diferenciá-la de “sentido” enquanto significação.

corpo de Glennie se tornou um instrumento sonoro” (KIRBY, 2018, p. 71, tradução nossa).

De acordo com Kirby (2018), essa relação tátil com o som provocaria um questionamento da afirmação de Émile Benveniste ([1969] 2006) em “Semiologia da língua”, segundo a qual não haveria signo trans-sistemático. Na terceira seção deste artigo, retomaremos o trecho citado neste ponto a fim de problematizar esse questionamento da autora. Por ora, nos ateremos a notar que, no artigo em questão, tal observação é seguida por questionamentos a respeito da noção de signo como “autossuficiente” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa) tanto no trabalho de Benveniste, quanto nos de Christian Metz (1968; 1971) e Peter Wollen (1972); nesses trabalhos, segundo a autora, “a identidade do signo, como uma unidade com uma integridade circunscrita, está realmente confinada à linguística” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa). Para Kirby, a noção saussuriana de signo já nasce problemática uma vez que, “a noção saussuriana de significante, por exemplo, une o visual e o auditivo em sua *image acoustique*, não como em um modo *com* o outro, mas como intermodalidade da percepção em si mesma” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa, grifos da autora).

Não é nosso objetivo apresentar a totalidade do artigo analisado. Nosso recorte se dá justamente no recurso ao pensamento benvenistiano revelado no texto. Contudo, é importante ambientarmos as discussões. Ao questionar um dualismo – qualificado no texto como falocêntrico – existente entre signo e matéria, Kirby (2018), enquanto neomaterialista, está solicitando um entendimento de materialidade não como uma pedra sólida, exterioridade absoluta, que qualifica ou limita a eficácia de práticas representacionais, mas como algo tão móvel, instável e plástico quanto a própria representação, uma escritura. A autora estende a mesma analogia binária matéria-representação para a diferença sexual na sociedade ocidental: a mulher como a substância – o corpo, a matéria bruta, a natureza – que ofereceria o substrato material a permitir ao seu oposto, o homem, erigir-se como a essência – a cultura, a linguagem, a representação.

Dialogando com a escritura derridiana, o acúmulo dos estudos de gênero, as discussões pós-coloniais da racialização e pós-humanistas da materialidade, Kirby (2018) propõe o conceito de holograma de forma a elaborar o entrecruzamento entre aquilo que chama de significação e realidade. A proposta de significação e materialização como um holograma, ou seja, como não descontínuos, como não binários e como não oposicionais permitiria uma concepção de diferença não calcada na falta, ausência ou

descontinuidade entre entidades, mas em processos transformativos, que dizem respeito aos fluxos e às mutabilidades dos signos e aos fluxos e às mutabilidades das matérias e dos corpos. A respeito da produção de conceitos neomaterialistas no âmbito dos feminismos, a autora conclui que as reflexões de gênero poderiam, para manutenção de sua tenacidade crítica no contemporâneo em suas urgências históricas, refazer o caminho traçado, por exemplo, por Simone de Beauvoir (a mulher como um artifício cultural por excelência), de forma a suplantar a discussão – também binária – entre essencialismo e antiessencialismo, reexplorando a instabilidade da divisão natureza/cultura.

### **Terceira seção – análise crítica de uma leitura pós-humanista de “Semiologia da língua”**

Nesta seção, retomaremos o artigo “*Telling flesh – the body as the scene of writing*” (2018) a fim de pontuar questões que nele emergem a partir da interpretação da autora de ideias benvenistianas veiculadas em “Semiologia da língua” – um artigo que tem rendido incontáveis análises dentre as leituras de Émile Benveniste ([1969] 2006). A partir dele, Henri Meschonnic, por exemplo, escreve o importante texto “Semântico sem semiótico” (1997)<sup>12</sup>. No Brasil, especialmente a partir da publicação das notas de Benveniste para as aulas que deram origem ao artigo (BENVENISTE, [2012] 2014<sup>13</sup>), multiplicaram-se os trabalhos que se baseiam nesse texto uma vez que a abertura proporcionada por ele tem permitido não apenas investigar-se a relação da língua com os sistemas de significação ditos não linguísticos, como também fixarmos nossos olhares sobre um ou mais desses sistemas, mobilizando ferramentas ora criadas por Benveniste, ora a partir de seu pensamento. Esses trabalhos têm constituído um campo diferenciado dentro dos estudos benvenistianos em que se torna possível pensar não apenas uma semiologia da língua, mas também uma semiologia da linguagem<sup>14</sup>. Assim, é instigante revisitarmos esse texto a partir de um olhar externo ao campo dos estudos benvenistianos, principalmente, quando sua utilização se dá em vista de um objeto que desafia os contornos já desenhados das teorias advindas desse pensamento.

<sup>12</sup>Nós mesmas já analisamos esse texto em repetidas ocasiões (SEVERO, 2015; 2016; 2020).

<sup>13</sup> Publicação em francês e publicação da tradução brasileira, respectivamente.

<sup>14</sup>Flores organiza esses trabalhos no que considera um “segundo eixo da recepção atual da teoria de Benveniste no Brasil” (FLORES, 2017b, p. 79, grifos do autor).

Há, em “*Telling flesh*”, alguns pontos importantes em que divergimos do que é apontado por Kirby (2018). Abordaremos apenas dois deles neste artigo: a) a contestação de que não há signo trans-sistemático baseada na análise do fenômeno do dermografismo e no fato de que é possível se relacionar com a música de forma tátil (caso de Evelyn Glennie); e b) a conclusão de que Benveniste assume que a noção de signo é suficiente em si mesma. Há, ainda, um terceiro ponto que gostaríamos de considerar. Em que pesem as divergências de leitura do artigo “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), acreditamos que o questionamento do pensamento benvenistiano – como também do conceito saussuriano de signo, essencial ao pensamento benvenistiano – proposto por Kirby (2018) pode, se aceito como um desafio, tensionar a semiologia e a provocar a se repensar.

Nesta seção, desenvolveremos uma reflexão que se concentra sobre o primeiro desses pontos (a) e absorve o segundo (b). Além de explorar os pontos de divergência citados, ao final do artigo, retornaremos a algo da reflexão de Kirby (2018) que questiona a noção benvenistianiana de signo para aceitá-la provisoriamente dentro da possibilidade de um exercício que provoque a semiologia a se pensar.

Ao afirmarmos que divergimos da leitura da autora sobre o artigo de Émile Benveniste, não é o fato de que Kirby problematiza o que é proposto por Benveniste que está em questão, obviamente. Não se trata de tomar o texto benvenistiano como sagrado e inquestionável. O que está em jogo aqui é escrutinar o que está sob o texto de Kirby e sob o texto benvenistiano, que premissas sustentam um e outro posicionamento – o de Émile Benveniste, que afirma não haver signo trans-sistemático, e o de Vicki Kirby, que sugere que esse posicionamento talvez não seja sustentável em vista de fenômenos específicos que apresenta – para revelar que outras questões estariam implicadas nesse debate.

O dermografismo e a percepção tátil da música são os dois fenômenos que levam Kirby a questionar a pertinência da afirmação de Benveniste sobre a impossibilidade de signos trans-sistemáticos:

Essa noção do corpo lúdico como o jogo do signo, esse átomo de significado supostamente elementar, não se reconcilia confortavelmente com a afirmação do linguista Émile Benveniste de que “não há signo que atravesse vários sistemas, que seja trans-sistemático” (KIRBY, 2018, p. 71, tradução nossa).

Antes de partirmos para a análise, gostaríamos de fazer um pequeno

*detour* para observar uma questão de tradução. Obtivemos acesso limitado<sup>15</sup> à versão em inglês de “Semiologia da língua”, citada pela autora<sup>16</sup>, mas pudemos verificar que, no texto originalmente publicado em francês, não há um trecho que pudesse ser traduzido como “[t]here is no sign that bridges several systems, that is transsystemic” (BENVENISTE, 1969, apud KIRBY, 2018, p. 71), cuja tradução para o português seria: “não há signo que atravesse vários sistemas, que seja trans-sistemático” (tradução nossa). Na página 53 do “*Problèmes de linguistique générale 2*” – coletânea de artigos de Émile Benveniste publicada em 1974, na qual o artigo “Semiologia da língua” foi publicado –, no trecho em que Benveniste afirma que não há signo trans-sistemático, lê-se apenas: “*La valeur d’un signe se définit seulement dans le système qui l’intègre. Il n’y a pas de signe trans-systématique*” (BENVENISTE, 1974, p. 53), o que é traduzido na versão brasileira como: “O valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54). Ainda que o trecho introduzido pela versão anglófona não altere o significado global do excerto, consideramos a tradução a que a autora teve acesso, no mínimo, curiosa e, no limite, pouco confiável, daí a relevância de mencionarmos tal desacordo.

Retornemos à questão em debate e vejamos, então, o que diz Benveniste sobre a impossibilidade de um signo ser trans-sistemático. Trata-se do segundo princípio expresso pelo autor:

Dois sistemas podem ter um signo em comum, sem que daí resulte sinonímia ou redundância, quer dizer que **a identidade substancial de um signo não conta, mas somente sua diferença funcional**. O vermelho do sistema binário de sinalização rodoviária não tem nada em comum com o vermelho da bandeira tricolor, nem o branco desta bandeira com o branco do luto na China. O valor de um signo se define somente no sistema que o integra. Não há signo trans-sistemático (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54, grifos nossos).

Atentemos para o trecho grafado em negrito. O exemplo que o segue auxilia-nos a compreendê-lo: não é o ser vermelho – **a identidade**

<sup>15</sup>Acessamos o trecho do livro citado pela autora, na página referenciada por ela, disponível on-line, via Google Books: [https://books.google.com.br/books?id=Wu2Ld0cQmyIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=snippet&q=transsystemic&f=false](https://books.google.com.br/books?id=Wu2Ld0cQmyIC&printsec=frontcover&hl=pt-BR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=snippet&q=transsystemic&f=false).

<sup>16</sup>É importante informar que a fonte citada pela autora não é a versão em inglês do “Problemas de Linguística Geral II”, mas o livro “Semiotics: An Introductory Anthology”, editado por Robert E. Innis.

**substancial** –, mas sua **diferença funcional** no sistema em que é empregado – a sinalização rodoviária ou a bandeira francesa – que constitui o **valor** do signo, aquilo que ele significa. Segundo Benveniste, esse princípio dimana do anterior, o princípio da **não redundância entre sistemas**: “Não há ‘sinonímia’ entre sistemas semióticos, não se pode ‘**dizer a mesma coisa**’ pela fala e pela música, que são dois elementos de base diferente” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 53, grifos nossos), “O homem não dispõe de vários sistemas distintos para a MESMA relação de significação” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54, grifo do autor).

Um signo só faz sentido no interior do sistema do qual faz parte. Se tomamos algo que **parece** o mesmo signo em outro sistema, estamos apenas confundindo sua identidade substancial com sua diferença funcional. Analisemos o que Kirby (2018) considera que desafia o princípio benvenistiano: o fato de que a musicista escocesa Evelyn Glennie se relaciona com sons musicais por meio do tato, da percepção da vibração musical em seu corpo todo. Uma vez que não especifica claramente em seu texto, podemos apenas especular sobre o que seria o signo em questão aqui: as unidades sonoras? O que leva a autora a dizer que, porque essas unidades podem ser percebidas de forma tátil por Glennie isso as transforma em signos trans-sistemáticos? Aparentemente, para a autora, o signo musical faz parte de um sistema quando é percebido auditivamente e de outro, quando absorvido de forma tátil.

A fim de analisarmos esse trecho e procurarmos responder às questões que propomos, recorreremos a um excerto em que a autora parece confundir “modo operatório” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 52) com signo:

O dermatofismo encarna como vanguarda o jogo de representação que envolve o tecido do visual, do auditivo e do tátil. Aqui, a integridade semiótica de um determinado **modo ou signo perceptivo** já é habitada pelo que é considerado estranho a ele, ou seja, informações provenientes de outro sistema sensorial. Essa inscrição reconfigura a aritmética que compreende os dados dos sentidos como um agregado de universos separáveis. (KIRBY, 2018, p.72, tradução nossa, grifos nossos)

Primeiramente, vejamos o que nos diz sobre modo operatório o texto benvenistiano: “é a maneira como o sistema age, notadamente o sentido (vista, ouvido, etc.) ao qual ele se dirige” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 52). Talvez aqui resida a semente da confusão: “o sentido [...] ao qual ele se dirige”. Porque a palavra “sentido” se encontra no singular, é possível inferir

daí que cada sistema deva dirigir-se a um sentido apenas. No entanto, se continuarmos lendo o artigo de 1969, veremos, algumas páginas adiante, o seguinte trecho:

[...] dois sistemas de tipos diferentes não podem ser mutuamente conversíveis. No caso citado, a fala e a música têm certamente este traço comum, a produção de sons e o fato de se dirigirem ao ouvido; mas esta relação não prevalece contra a diferença de natureza entre suas unidades respectivas [...] (BENVENISTE, 2006, p. 54).

O fato de que ambas se dirigem ao mesmo sentido, a audição, não faz com que fala e música sejam consideradas sistemas de tipos/bases iguais, não as torna mutuamente conversíveis, ou seja, “não se pode **‘dizer a mesma coisa’** pela fala e pela música, que são dois elementos de base diferente” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 53, grifos nossos). Vemos aqui que não é o sentido sensorial que determina a base ou o tipo do sistema. Outro exemplo ratifica essa observação: “Em compensação, o alfabeto gráfico e o alfabeto Braille ou Morse ou o dos surdos-mudos são mutuamente conversíveis, sendo sistemas de mesmas bases fundadas sobre o princípio alfabético: uma letra, um som” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 54). Aqui, percebemos algo diferente: sistemas considerados de mesma base que se dirigem a mais de um sentido sensorial, a visão (uma letra) e a audição (um som). Assim, podemos ver que, para Benveniste, tanto se dirigir a mais de um sentido é possível para um sistema quanto se dirigir ao mesmo sentido não torna dois sistemas “de mesma base”.

Retornamos ao que havíamos observado sobre a percepção de Kirby no início deste texto: para a autora, a “integridade semiótica” está relacionada ao sentido a que o signo/sistema de significação se dirige. Para a socióloga, se o dermatofismo desperta a visão, é mobilizado oralmente e também pode ser sentido tatilmente, isso faz dele um signo que funciona em três sistemas diferentes, portanto, trans-sistemático.

Retornemos ao comentário da autora sobre o signo saussuriano, por meio de um trecho já citado aqui: “a noção saussuriana de significante, por exemplo, une o visual e o auditivo em sua *image acoustique*, não como em um modo *com* o outro, mas como intermodalidade da percepção em si mesma” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa, grifos da autora). Kirby (2018) traz o CLG para a discussão, por meio da noção de signo, que a autora considera contraditória e confusa; para ela, a questão da “intermodalidade de percepção” perturba a integridade do signo.

A fim de entendermos por que Kirby (2018) considera que pode haver signos trans-sistemáticos, é necessário compreender que, para ela, “modalidade” e “signo perceptivo” remetem a universo sensorial: uma modalidade ou signo perceptivo para cada sentido. Assim, a própria noção de signo, confundida com a adjetivação “perceptivo”, é restrita pelo único sentido a que deveria dirigir-se. Dessa forma, um fenômeno como o dermatofismo, que é desperto oralmente e se realiza tátil e visualmente, confundiria as bordas do signo, uma vez que um sentido sensorial invadiria os limites do outro – confusão que também ocorreria no caso da percepção tátil da música por Evelyn Glennie. A questão se dá, então, não tanto em relação ao sistema de significação de que o signo faz parte, mas em relação à natureza do signo em si, embora, obviamente, uma influencie a outra.

Quanto à percepção da música tátil e não auditivamente, podemos questionar se a maneira como se percebem as unidades sonoras que compõem a música faz alguma diferença. Lembremos que, para o Benveniste ([1969] 2006) de “Semiologia da língua”, essas unidades sequer são signos, pois não remetem a um repertório finito, não simbolizam algo. O caráter semiótico da música só pode ser atribuído na obra em si. Rememorado esse que não é um pequeno detalhe, nos permitamos, por um segundo, considerar que as unidades sonoras possam ser um signo – levando em conta o caráter semiótico que podem adquirir, segundo Benveniste, no interior de uma obra ou da obra completa de um artista. A unidade sonora sempre tem uma vibração. Não é apenas quando alguém como Evelyn Glennie percebe a música que ela passa a ter vibração, ela está sempre lá: quando escutamos música, quando a dançamos, quando, em volume elevado, ela sacode objetos etc. A vibração e o som constituem o signo sonoro, não a vibração **ou** o som, mas ambos, inseparavelmente.

Algo importante que se perde de Benveniste nessa discussão é a relevância do sentido – o sentido enquanto significação, não enquanto universo sensorial. Esse é o centro do pensamento benvenistiano como um todo e ponto fulcral em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006). Aqui, podemos retornar a outra afirmação de Kirby, a de que, para Benveniste, a noção de signo seria autossuficiente. É o próprio Benveniste quem afirma que o signo não é sequer suficiente: “é necessário ultrapassar a noção saussuriana do signo como princípio único [...]” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 67). Para o linguista, a noção de signo não dá conta de todo sentido da língua – apenas do semiótico. Existe outra maneira de ser língua, de significar: o semântico. No caso da música e das artes plásticas, analisadas por Benveniste no artigo em questão, o sentido é semântico e não semiótico.

A língua é o único sistema que possui semântico e semiótico, todos os outros sistemas seriam descritos pelo sintagma “semântico sem semiótico”.

Como se sabe, semiótico e semântico – modos de ser língua dotados, ambos, de forma e sentido – são definidos inicialmente como as duas formas de ser língua: o semiótico é o universo dos signos, é o sistema linguístico em suas características saussurianas: é social, por isso, compartilhado no universo dos locutores, é possibilidade; o semântico diz respeito ao universo da enunciação: é a língua-discurso, língua em uso, o domínio da frase, espaço da troca de sentidos – a passagem de um universo a outro se dá no mesmo ato em que o locutor, ao apropriar-se da língua, enuncia(-se), tornando-se sujeito. Em “Semiologia da língua” (BENVENISTE, [1969] 2006), há um deslocamento dessas noções para a descrição de sistemas não linguísticos. O que permanece de cada um é a forma como significam – por meio de unidades significativas, no semiótico; na instância de uso, no semântico: “o semiótico (o signo) deve ser RECONHECIDO; o semântico (o discurso) deve ser COMPREENDIDO” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 66, grifo do autor). Tais funcionamentos, de reconhecimento e de compreensão, se aplicam aos sistemas semiológicos não linguísticos nas análises apresentadas pelo autor no artigo de 1969<sup>17</sup>.

Vemos que, para Benveniste, o signo não dá conta dos sistemas de significação que não são língua. Concordamos com Kirby quando ela afirma que, para esse linguista, “a identidade do signo, como uma unidade com uma integridade circunscrita, está realmente confinada à linguística” (KIRBY, 2018, p. 72, tradução nossa). Embora a palavra “signo” seja empregada, tanto por Benveniste ([1969] 2006), em “Semiologia da língua”, quanto por Saussure no CLG<sup>18</sup>, para se referir a unidades de sistemas de significação da sociedade – “os signos da escrita; os ‘signos de cortesia’, de reconhecimento, de reunião, em todas as suas variedades e hierarquias; os signos reguladores dos movimentos de veículos; os ‘signos exteriores’ que indicam as condições sociais; [...]” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 51), “ritos simbólicos, [...] formas de polidez, [...] sinais militares etc.” (SAUSSURE, [1916] 2004, p. 24) –, uma leitura atenta desse artigo não deixa dúvidas de que só a língua possui semiótico justamente porque só ela possui signos, logo, o signo só pode ser linguístico<sup>19</sup>. Os outros sistemas são informados da relação de

<sup>17</sup>Esse parágrafo é uma reelaboração de um trecho de Severo (2020).

<sup>18</sup>Segundo Flores (2017a), a noção de signo de Émile Benveniste se constrói sobre aquela do CLG, mas não se limita a ela.

<sup>19</sup>Por razão de tempo e espaço não nos aprofundaremos sobre os diferentes significados que a palavra “signo” assume neste artigo de Émile Benveniste, mas esperamos ter deixado claro que,

signo pela língua, que, assim, os “confere efetivamente [...] a qualidade de sistemas significantes” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 64) por meio das relações semiológicas<sup>20</sup> que ela estabelece com esses sistemas. O objetivo do artigo citado por Kirby (2018) é justamente estabelecer o lugar da língua dentre todos esses sistemas. A conclusão do artigo é que a língua é o sistema que interpreta a todos os outros exatamente porque é o único dotado de semiótico e de semântico, portanto, o único capaz de “sustentar propósitos significantes sobre a significância” (BENVENISTE, [1969] 2006, p. 66). Kirby (2018, p. 71, tradução nossa) é visivelmente irônica ao referir-se à língua como “a grande matriz semiótica”, mas, para Benveniste, é exatamente disso que se trata.

### **Considerações finais**

Neste artigo, procuramos seguir o caminho iniciado por Vicki Kirby (2018) na relação que ela estabelece ao citar e refutar trechos do artigo “Semiologia da língua”, de Émile Benveniste ([1969] 2006). Procuramos fazer justiça a ambas as formas de perceber signo e sistemas de significação ao ressaltar o que elas propõem de dissemelhante. Estabelecemos uma análise crítica do artigo da socióloga australiana a fim de desenrolar concepções que nos pareceram embaralhadas justamente porque não buscam compreender cada uma dessas linhas de pensamento em seu arcabouço teórico e campo de domínio.

O que temos aqui são duas percepções afinadas em sintonias muito diferentes. Para Vicki Kirby (2018), é a perspectiva pós-humanista que está em jogo, com sua ênfase na materialidade, nos universos não-humanos ou menos-que-humanos e nas concepções de linguagem que asseguram um suposto excepcionalismo humano no devir do mundo. Do outro lado da questão, temos a ênfase no sentido que caracterizou todo pensamento de Émile Benveniste. Trata-se, aparentemente, de dois pontos de vista irreconciliáveis, que nos conduziriam a um impasse: ou se considera a perspectiva sensorial que releva da priorização da materialidade ou se considera o sentido, a significação, enquanto orientação principal. Nessa visão dicotômica, no universo dos estudos da linguagem, se aderirmos à primeira perspectiva, entenderemos o dermografismo como produção de

---

para esse linguista, os signos que compõem um sistema semiótico são apenas aqueles da língua.

<sup>20</sup>São elas: de engendramento, de homologia e de interpretação. Essa última é a relação que a língua mantém com todos os outros sistemas, com a sociedade e com ela mesma.

signos trans-sistemáticos porque compreendidos em diferentes sistemas de significação determinados pelo sentido sensorial a que se dirigem. No outro extremo, se aderirmos à perspectiva semiológica benvenistiana, entenderemos esse fenômeno como produtor de uma unidade de significado que só faz sentido dentro de seu próprio sistema, o qual se dirige a e opera em diferentes universos sensoriais.

Pode-se, no entanto, encarar a questão de uma forma menos polarizada. Acreditamos que é interessante – nem que apenas para fazer o pensamento pensar (WALKERDINE, 1995) – considerarmos por um momento um sistema de significação que se refrata, como a luz que passa pelo cristal, mas em direção ao interior desse, distribuindo os raios coloridos dentro de si mesmo. Nesse interior, a multiplicação desse sistema se dá em virtude do sentido ativado. O que define um sistema em relação aos outros é seu sentido enquanto significação, mas o que define cada uma de suas manifestações internas é o sentido sensorial ativado, sua materialidade. Mais do que ativar uma colorida metáfora, com essa imagem, procuramos ilustrar o que acreditamos ser uma ferramenta para reflexão que possibilita o tensionamento da semiologia como ela vem se construindo. A ideia é introduzir um conceito bomba na teoria para que, ao explodir, esse conceito obrigue a teoria a se pensar, se reorganizar e, conseqüentemente, se desenvolver.

O que seria esse conceito bomba aqui? Um signo que não se limita ao linguístico, um signo que se organiza segundo o sentido sensorial a que se dirige, um signo cujo significante e significado estejam no corpo, em sua materialidade e não em seu simbolismo. Como pensar esse signo dentro do quadro do pensamento benvenistiano – em que todos os caminhos levam ao sentido enquanto significado, partem da linguagem enquanto capacidade de simbolizar e pensam o humano enquanto ser de linguagem? Como conciliar esse dentro e fora da linguagem simultâneos? Esperamos que essas perguntas, para as quais ainda não aventamos respostas, ao tensionar a semiologia, levem-na a se pensar, explodir, se desenvolver.

## Referências

- AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.
- BARAD, Karen. Performatividade pós-humanista: para entender como a

matéria chega à matéria. Trad. Thereza Rocha. **Vazantes**. v.1, n.1, [2003] 2017.

BENNETT, Jane. **Vibrant Matter – A Political Ecology of Things**. Londres: Duke University Press, 2010.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Problèmes de Linguistique Générale II**. Paris: Gallimard, 1974.

\_\_\_\_\_. **Problemas de Linguística Geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1969] 2006.

\_\_\_\_\_. **Dernières Leçons**. Paris: Seuil/ Gallimard, 2012.

\_\_\_\_\_. **Últimas aulas no Collège de France 1968 e 1969**. Tradução de Daniel Costa da Silva [et al.]. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

BUZATO, Marcelo El Khouri. O pós-humano é agora – uma apresentação. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. v. 52, n. 2. p. 478-495. maio/ago. 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/issue/view/1590>. Acesso em: 16 jul. 2020

DERRIDA, Jacques. Le supplément de copule. La philosophie devant la linguistique . In: **Langages**, 6<sup>e</sup> année, n° 24, 1971. Épistémologie de la linguistique [Hommage à E. Benveniste] sous la direction de Julia Kristeva. pp. 14-39. Disponível em [www.persee.fr/doc/lgge\\_0458-726x\\_1971\\_num\\_6\\_24\\_2604](http://www.persee.fr/doc/lgge_0458-726x_1971_num_6_24_2604). Acesso em 11 set. 2020.

\_\_\_\_\_. **Gramatologia**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017 [1967].

DUFOUR, Dany-Robert. **Os mistérios da trindade**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2010.

FERRANDO, Francesca. Pós-Humanismo, Transumanismo, Anti-Humanismo, Meta-Humanismo e novos materialismo – Diferenças e Relações. **Rev. Filos. Aurora**, v.31, n.54, p. 958-971, set./dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/24707>. Acesso em: 15 jul. 2020

FLORES, Valdir do Nascimento. O que há para ultrapassar na noção saussuriana de signo? De Saussure a Benveniste. **Gragoatá**, [S.l.], v. 22, n. 44, p. 1005-1026, dec. 2017a. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33546>. Acesso em: 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Saussure e Benveniste no Brasil**: quatro aulas na École Normale Supérieure. São Paulo: Parábola, 2017b.

KIRBY, Vicki. **Telling flesh**: The Substance of the Corporeal. New York:

---

Routledge, 1997.

\_\_\_\_\_. “Telling flesh – the body *as* the scene of writing”. **Figurationen**. Vol 19, Issue 2, p. 64–62. Dec 2018. Disponível em: <https://www.vr-elibrary.de/doi/abs/10.7788/figu.2018.19.2.64>. Acesso em 08 jul. 2020.

METZ, Christian. **Language and Cinema**. Trans. Donna Jean Umiker-Sebeok. The Hague: Mouton Press, 1974. French Orig.: Langage et Cinéma. Paris: Larousse, 1971.

\_\_\_\_\_. **Film Language: A Semiotics of the Cinema**. Trans. Michael Taylor. New York: Oxford UP, 1974. French Orig.: Essais sur la signification au cinéma. Paris: Klincksieck, 1968.

PENNYCOOK, Alastair. **Posthumanist Applied Linguistics**. London/New York: Routledge, 2018.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2004.

SEVERO, Renata T. Língua e corpo: enunciação e afetividade. In: 4º Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade 2º Simpósio Internacional Discurso, Identidade e Sociedade, 2015, Fortaleza. **Anais...** . Fortaleza: Uece/ufc/unilab/fa7, 2015. v. 1, p. 420-432. Disponível em: <https://eventos.uece.br/siseventos/processaEvento/evento/exibeDocumentosEvento.jsf?id=163&contexto=sidis2015>. Acesso em: 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. **Semiologia da linguagem: a enunciação do sagrado e o corpo afroreligioso**. 2016. 156 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Linguagem, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/143595>. Acesso em: 17 jul. 2020.

\_\_\_\_\_. “O corpo como lugar do sentido: uma análise semiológica inspirada em Audre Lorde”. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura Letra Magna**. Ano 16, n. 26, 2º semestre de 2020. [[www.letramagna.com](http://www.letramagna.com)]. No prelo.

WALKERDINE, Valerie. O raciocínio em tempos pós-modernos. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 2, n. 20, p. 207-226, jul-dez/ 1995. Semestral.

WOLLEN, Peter. **Signs and Meaning in the Cinema**. Bloomington: Indiana UP, 1972.